

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLVI

Anatomia artística na Pérsia Antiga I

Proto-história Persa, Reino Meda e
Império Aqueménida

J. A. ESPERANÇA PINA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2019

Anatomia artística na Pérsia Antiga I

Proto-história Persa, Reino Meda e Império Aqueménida

J. A. Esperança Pina

1. ASPECTOS GERAIS DA PÉRSIA ANTIGA

Pérsia e Irão são duas designações para o mesmo território geográfico. Este território actualmente ocupado pelo Irão é habitado desde os tempos *pré-históricos*. A *Proto-História da Pérsia* inicia-se no *Reino Elamita* (2700-539 a.C.), seguiu-se o *Reino Meda* (728-550 a.C.) e o *Império Aqueménida* (648-330 a.C.). Alexandre Magno anexou o Império Aqueménida e, após a sua morte, um dos seus generais fundou o *Império Selêucida* (648-330 a.C.). Segue-se a formação do *Império Arsácida ou Parta* (250 a.C.-226) e depois o *Império Sassânida* (226-650), que caiu em poder dos Árabes, marcando o início da Era Islâmica.

1.1. Geografia da Pérsia Antiga

A Pérsia Antiga teve como núcleo central o actual Irão, situando-se no Oriente Médio da Ásia. Tem fronteiras ao oeste com o Iraque, ao noroeste com a Turquia, ao norte com a Arménia, o Azerbaijão e o Turquemenistão e com o Mar (Lago) Cáspio, a leste com Afeganistão, a sudeste com Paquistão e a sul com o Golfo Pérsico e o Mar de Omã.

A maior parte do território do Irão corresponde a um planalto cercado por cadeias montanhosas, a *Cordilheira Alborz*, estendendo-se de noroeste para nordeste do Irão, e a *Cordilheira de Zagros*, estendendo-se de sudoeste para sudeste do Irão, com vários picos superiores a 4000 metros acima do mar. Os desertos do Irão são o *Deserto de Dasht-e-Kavir*, que está localizado no centro do país em direcção a leste, e o *Deserto de Kavir-e-Lut*. Os três grandes rios do Irão são o *Karun*, o *Atrak* e o *Safid*. O Karun é o principal rio parcialmente navegável, nasce na Cordilheira de Zagros, e corre para sul até a localidade de Khorramshahr, onde se une ao rio *Shatt Al-Arab (Arvandrud)*. O maior lago iraniano é o *Lago Urmia*, situado no noroeste do país, o oeste do Mar Cáspio.

1.2. História da Pérsia Antiga

Ao longo dos séculos, várias vagas humanas provenientes do norte ocuparam os territórios iranianos, pouco povoados. Os mais antigos habitantes da meseta iraniana são desconhecidos, excepto os provenientes do antigo Elão. Uma vaga de Indo-Europeus de pastores acompanhados pelos seus gados e bens, que estabelecem-se na parte ocidental do Irão, os Medos, a norte e os Persas ou Parsas, a sul. A leste, também se instalaram os Partos. Estes foram dominados pelos medos até a ascensão ao trono persa, em 558 a.C., de Ciro, o Grande, um aqueménida.

2. REINO ELAMITA (2700-539 A.C.)

Os elamitas ocupavam o Elão, território compreendendo uma planície, separada da Mesopotâmia por pantanais. Nesta planície estava situada a cidade de Susa, antiga capital dos aqueménidas. A dinastia de Awan desenvolveu o Elão. A influência suméria sobre o Elão era grande, sobretudo em Susa, centro comercial que abastecia a Mesopotâmia de matérias preciosas oriundas do Irão, Ásia Central e Índia, tendo este facto originado conflitos com as cidades sumérias. Sargão I da Acádia, ao expandir a Mesopotâmia, originou a conquista do Elão com anexação de Susa. No reinado de *Narâm-Sin*, neto de Sargão I, afirmava-se a tendência para a independência do Elão, o que provocou o assassinato do rei, tentando evitar a recuperação de Susa. À dinastia de Awan sucedeu-se a dinastia de Chimaski.

2.1. Anatomia Artística na Proto-História da Pérsia

A Proto-História da Pérsia pode distribuir-se pelos períodos elamitas, arcaico, médio e neo-elamita (2100-600 a.C.) e pelos períodos da Idade do Ferro I, II e III externa ao Elão (1400-600 a.C.).

2.1.1. Estatuetas e ídolos

O *busto masculino* (2500-2300 a.C.), em argila, procedente de Kirman (sudeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. A estatuetta tem fâcies ovalada, os olhos mal esculpidos, o nariz recto, os lábios ligeiramente entreabertos, o filtro e a fosseta mediana desenvolvidos. A mímica sugere desdém.

A *cabeça feminina* (900-800 a.C.), em marfim, procedente do Azerbaijão (noroeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. A cabeça apresenta coroa, o cabelo com madeixas em ziguezague cobre a testa e a orelha esquerda, enquanto à direita o cabelo se dispõe numa longa trança. Os olhos salientes apresentam-se sem pupila, por ausência do material com que foi incrustado, o mesmo sucedendo com os supercílios. Os lábios apresentam referências cutâneas normalizadas. A mímica sugere contemplação e admiração.

O *busto masculino* (2500-2300 a.C.), em argila pintada, procedente de Kirman (sudeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. A estatuetta tem as fendas palpebrais horizontalizadas, o nariz afilado e anguloso, a fenda bucal pequena, o pescoço pequeno e os ombros largos. Os cotovelos estão flectidos e as mãos não estão modeladas.

A *estatuetta feminina* (1200-1000 a.C.), em bronze, procedente de Gilan (noroeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. É uma figura feminina, com cabeça pequena e chapéu cónico, as orelhas em forma de asa estão perfuradas com dois furos. Os membros superiores são delgados com os ombros horizontalizados, em comparação com as coxas muito desenvolvidas, e as pernas muito curtas. Os seios são bem proporcionados.

A *estatuetta feminina* (1200-1000 a.C.), em terracota, procedente de Gilan (norte do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. A cabeça é oval, os olhos mal definidos, o nariz recto, as orelhas circulares, perfuradas com pequenos brinços, a boca aberta deixa ver os dentes maxilares. Os membros superiores delgados e pouco modelados com as mãos tocando a face sugerem que a figura esteja a gritar. Os membros inferiores são curtos e cilíndricos e os pés grandes com seis dedos. O tórax parece ter um vaso cilíndrico entre os pequenos seios. A vulva é muito desenvolvida.

A *estatueta masculina* (1250-1000 a.C.), em terracota, procedente de Gilan (norte do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. É uma figura masculina nua, com um cinto largo e punhal. A cabeça é oval, os olhos indefinidos, o nariz triangular, as orelhas circulares, com uma perfuração. Os membros superiores delgados e pouco modelados têm as mãos unidas. Os membros inferiores curtos e cilíndricos e os pés grandes com seis dedos. O pénis é muito desenvolvido.

A *estatueta* (800-700 a.C.), em bronze, procedente do Luristão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Representa um deus da guerra com uma espada e uma aljava para transporte de flechas. A fâcies tem a testa pequena, as sobrancelhas horizontalizadas de grandes dimensões, os olhos proeminentes, a boca proporcionada e uma pêra coniforme.

2.1.2. Placas

A *placa com figuras em relevo* (1600-1500 a.C.), em terracota, procedente do Curistão (sudoeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Representa um leito com rebordo lavrado em relevo, onde estão deitados um homem e uma mulher. Ambos têm a mão direita na cintura escapular do companheiro, enquanto ele envolve a cabeça da companheira com o membro superior esquerdo e a mulher segura o seio direito com a mão esquerda.

A *placa com relevo figurativo* (900-800 a.C.), em marfim, procedente do Curistão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. A cena principal representa o encontro de dois reis. O rei situado à direita usa toucado e tem a espada presa ao cinto, e atrás encontra-se um guarda armado com arco e aljava. O rei situado à esquerda não tem a cabeça coberta nem está armado, situando-se atrás do monarca uma personagem sacrificando um touro.

A *placa com relevo figurativo* (800 a.C.), em marfim, procedente do Curistão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Representa a caça ao touro selvagem a partir de um carro puxado a cavalos. Dois touros, em fuga, voltam a cabeça para os cavalos, enquanto no carro com rodas de oito raios, o arqueiro dispara flechas contra os touros.

A *placa decorativa* (800-700 a.C.), em bronze, procedente do Luristão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. A placa apresenta numerosas perfurações no bordo estando dividida em dois registos horizontais. O *registo superior* representa uma personagem sentada numa banquetta, com a mão direita apoiada numa clava e a mão esquerda segurando um objecto. Tem o cabelo ondulado para trás, tapando a fronte e deixando à mostra um grande olho, à maneira egípcia e uma barba recortada tapando a face e o queixo. Diante da personagem entronizada está um servo com uma oferenda nas mãos, enquanto as três restantes figuras seguram animais mortos pelas patas traseiras, provavelmente provenientes de uma caçada. O *registo inferior* apresenta duas reses de costas uma para a outra, as caudas erguidas e as patas por baixo do corpo.

2.1.3. Recipientes

O *recipiente* (2000 a.C.), em terracota, procedente do Cuzistão (sudoeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. O recipiente tem uma abertura larga, decorada com incrustações circulares de pedra branca de diferentes tamanhos. As duas pequenas figuras de divindades, com vestes de folhos, têm uma correia à volta do pescoço e dos ombros.

Vaso com touros em relevo (1250-1150 a.C.), em electro (liga de prata e ouro), procedente de Gilan (norte do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. O *friso superior* representa três touros caminhando para a direita e o *friso inferior* os touros caminhando para a esquerda. Os touros têm as patas compridas, as cabeças apresentam-se inclinadas, os chifres quase verticalizados e a existência de tufos no dorso, no abdómen e nos joelhos.

O *recipiente antropomórfico* (1000-800 a.C.), em cerâmica, procedente de Gilan (norte do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. A parte superior da cabeça da figura feminina corresponde à boca do recipiente. A cabeça é pequena com fâcies larga, apoia-se num pescoço longo e grosso, onde foram gravados sete anéis. Os membros superiores, pequenos e delgados, têm as mãos em abdução.

O *recipiente antropomórfico* (800-700 a.C.), em cerâmica pintada, procedente do Luristão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta a forma de uma figura masculina atarracada com pinturas geométricas. A cabeça pequena com um gorro assenta sobre o corpo não modelado, os olhos e as orelhas estão engastados com pequenas esferas. Os membros superiores muito pequenos estão em extensão e seguram um grande recipiente com bico, parecendo que os enormes pés dão estabilidade à figura do recipiente.

A *sítula* (1000-900 a.C.), em bronze, procedente do Luristão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta a forma de um balde reproduzindo um arqueiro com o joelho direito genuflectido fazendo pontaria a uma águia.

2.1.4. Objectos diversos

O *machado cerimonial* (1200-1000 a.C.), em bronze, procedente do Luristão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta cinco pontas com a última em forma de ave de rapina. Sobre a folha do machado encontra-se um ser em que a metade superior é uma figura barbuda e a metade inferior, o corpo de um peixe. A cabeça humana tem um gorro comprido com a ponta dividida, as sobrancelhas e as íris incrustadas, o nariz muito desenvolvido e os lábios com as referências cutâneas bem marcadas. Os membros superiores, com os cotovelos flectidos, rodeiam o corpo de um peixe e o apertam contra o peito. A grande cabeça do peixe mostra a boca e um olho redondo, duas barbatanas dorsais, uma ventral e uma grande barbatana caudal.

O *machado cerimonial* (1000-900 a.C.), em bronze, procedente do Luristão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta na folha um arqueiro em corrida disparando uma seta. Tem um cinto, donde se destaca uma grande borla. A aljava aparece por baixo do braço esquerdo em extensão, enquanto as setas aparecem por cima do membro superior direito em flexão.

O *machado cerimonial* (1100-900 a.C.), em bronze, procedente do Curdistão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta três figuras em fila, um leão, uma personagem sentada e um pássaro. O leão tem uma grande cabeça, a juba parece uma pequena gola e a cauda em U, sem tufo no pêlo. O homem nu está sentado num cadeirão, colocado num pedestal em forma de disco, com um grande nariz e enormes orelhas e o cabelo penteado para trás.

2.1.5. Objectos decorativos

O *colar* (2500-2000 a.C.), em cornalina, lápis-lazúli e ágata, procedente de Seistão (sudeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta contas com formas e materiais diferentes. As contas cilíndricas são de lápis-lazúli e ágata e as contas em losango são de cornalina.

O *colar* (2500-2000 a.C.), em vidro e cornalina, procedente de Seistão (sudeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta contas em forma de disco, e uma conta cilíndrica branca e alaranjada.

O *colar* (2500-2000 a.C.), em ágata, ouro e lápis-lazúli, procedente de Seistão (sudeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Apresenta contas em forma de cilindro de ágata, contas de diferentes tamanhos revestidas a ouro e uma conta de lápis-lazúli.

3. REINO MEDA (728-550 A.C.)

Os *Medos* foram uma das tribos de origem ariana, que migraram da Ásia Central para o planalto Iraniano, posteriormente conhecida como Média, e, no final do século VII a.C., fundaram um reino centrado na cidade de Ecbátana. A sua língua pertencia ao tronco indo-europeu.

3.1. Geografia do Reino Meda

Embora as suas fronteiras flutuassem, o Reino Meda ficava a oeste e a sul do mar Cáspio, separado da costa daquele mar pela cordilheira do Elburz. A noroeste, estendia-se além do lago Úrmia até ao vale do rio Araques, ao passo que a oeste os montes Zagros serviam de barreira com a Assíria e o rio Tigre, a leste ficava uma grande região desértica, e a sul o país de Elão.

3.2. História do Reino Meda

Até ao terço médio do século VII a.C. os Medos permaneceram separados, apesar de haver tentativas de uma unificação política, sendo Zakruti a exercer a coordenação, que representava as diversas tribos medas isoladas em aldeias fortificadas.

Kastariti (652-625 a.C.) unificou as tribos medas constituindo o Reino Meda, tendo uma organização descentralizada, com características diferentes de outros países da Antiguidade Pré-Clássica.

Ciaxes (624-585 a.C.) reorganizou o exército segundo o modelo assírio. Aliou-se com Nabupolassar da Babilónia, sendo a coligação reforçada com o casamento de uma princesa meda com Nabucodonosor, filho do rei. A destruição de Ninive terminou com o Império Assírio. A fronteira entre a Babilónia e o Reino Meda passou a situar-se no rio Hális.

Astíages (584-550 a.C.), filho de Ciaxes, marcou desde o início do reinado o fim da expansão meda. Iniciou um conjunto de reformas para maior centralização do reino, o que conduziu à oposição da nobreza, bem como o fim da influência dos magos e dos sacerdotes-tribais, cuja influência sobre a população era significativa.

O reinado de Astíages dos Partas foi sublevado pelo seu neto, *Ciro*, rei das tribos persas, com a colaboração de parte da nobreza meda e dos magos. Estes quem levaram a diversas batalhas entre persas e medas, com êxitos de ambos os lados. Na batalha decisiva, os nobres e parte dos militares

medas passaram para o lado de Ciro, pois este não era visto como um usurpador, mas como um pretendente ao trono, por pertencer a estirpe real por ser neto de Astíages.

3.3. Anatomia Artística no Reino Meda

Não é possível considerar com segurança a existência da Arte Meda, porque até agora nenhuma escavação encontrou vestígios arqueológicos.

3.3.1. Túmulos rupestres

Os túmulos rupestres foram encontrados no noroeste do Irão, o actual Curdistão e Azerbaijão, sendo mais significativos, os túmulos de Kizkapan e de Sakavand.

O *túmulo rupestre de Kizkapan* encontra-se no actual Curdistão. Apresenta um pórtico talhado profundamente na rocha com duas semi-colunas com volutas e capitéis. Na parede exterior, por cima da porta, encontra-se um relevo representando duas personagens femininas de cada lado de um altar com uma chama personificando o fogo sagrado. As duas personagens têm vestes medas análogas às apresentadas nos frisos de Persépolis, com túnicas longas e calças estreitas, provavelmente de couro. Ambas têm um arco na mão esquerda, assente no pé um pouco adiantado.

Os *túmulos rupestres de Sakavand*, encontram-se a sul de Bisutun, na estrada que atravessa o Luristão, são provavelmente ossários devido à configuração. Um dos túmulos apresenta superiormente um baixo-relevo, em que a principal personagem com os cotovelos flectidos, parece acolher três pequenas personagens.

4. IMPÉRIO AQUEMÉNIDA (648-330 A.C.)

4.1. Geografia do Império Aqueménida

O Império Aqueménida compreendia o Irão, a Mesopotâmia, a Síria, o Egipto, a Ásia Menor com as suas cidades e as Ilhas Gregas e uma parte da Índia.

4.2. História do Império Aqueménida

Ciro II, o Grande (558-530 a.C.) unificou todos os iranianos num único estado. Anexou a Lídia, expandiu o Império Persa até ao Rio Indo, e conquistou Babilónia. Ao contrário dos Assírios, as cidades conquistadas não foram destruídas, sendo mantidos os cultos e os deuses locais, e os vencidos tratados com benevolência.

Cambises II (529-522 a. C.), filho de Ciro, anexou o Egipto depois de ter derrotado o faraó Psametek III.

Dário I (521-486 a.C.), após dois anos de desordens na Pérsia, e insurreições na Babilónia e no Egipto, conseguiu dominar a situação e assegurar o governo de todos os territórios sobre o seu domínio. Ampliou as fronteiras persas, reorganizou todo o império e esmagou a revolta das cidades gregas da Jónia. As lutas contra a Grécia, sobretudo Atenas enfraqueceram o Império após a vitória ateniense de Maratona, em 490 a.C.

Xerxes I (486-465 a.C.), filho de Dário I, esmagou as revoltas no Egipto, Babilónia e Judeia e preparou-se para invadir a Grécia. Foi derrotado na batalha naval de Salamina, em 480 a.C., na batalha terrestre

de Plateia contra Esparta, em 479 a.C., e na batalha naval de Mícale, em 479 a.C., tendo estas batalhas terminado com a invasão pérsica da Grécia Antiga.

Artaxerxes I (464-424 a.C.), segundo filho de Xerxes, reprimiu uma nova insurreição no Egito com o apoio de Atenas. Embora a revolta fosse contida em 446 a.C., ela representou o primeiro ataque importante contra o Império Persa e o começo de sua decadência. Para assegurar a estabilidade no Império realizou uma reforma administrativa reduzindo o número de satrapias de vinte para doze.

Xerxes II (424-423 a.C.) foi assassinado.

Dário II (422-404 a.C.) conseguiu impor-se depois de eliminar os irmãos, tendo o seu reinado sido caracterizado pela decadência do poder central em relação a uma autonomia crescente das satrapias, acabando por perder a satrapia do Egito no final do reinado, que se manteve independente durante quase sessenta anos.

Artaxerxes II (403-359 a.C.) assiste à desorganização do Império com a independência do Chipre, Fenícia e Síria, perdendo todos os territórios a leste do Rio Eufrates.

Artaxerxes III (358-338 a.C.) manda assassinar os príncipes da família real, neutraliza as revoltas internas, apodera-se dos portos fenícios que se tinham aliado ao Egito e destrói Sídón, e com o auxílio de mercenários gregos reconquista o Egito. O Império ficou novamente unificado.

Arses (337-336 a.C.) governou durante um curto espaço de tempo, sendo colocado e retirado por Bagoas, o homem forte do harém real.

Dário III (335-330 a.C.) teve um curto e último reinado dos aqueménidas, pois viu-se obrigado a enfrentar o exército de Alexandre Magno. Dário foi derrotado entre 334 e 331 a.C. numa série de batalhas. A degradação da situação interna conduziu à independência de algumas satrapias, conjuntamente com o génio militar do macedónio, foi recebido, nalgumas localidades, como um libertador, declarando-se legítimo herdeiro de ocupar o trono persa.

4.3. Anatomia Artística no Império Aqueménida

4.3.1. Arquitectura

A *arquitectura* encontra-se representada nos palácios de Persépolis, Pasárgadas e Susa, nos túmulos de Ciro II, Dário I e outros monarcas aqueménidas e nos templos de fogo. Utilizaram-se como materiais de construção a pedra, o tijolo e a madeira. Os palácios eram os edifícios mais importantes, uma vez que na religião, os deuses não necessitavam de templos nem de imagens representativas.

A *coluna* é o elemento principal da arquitectura aqueménida, apresentando diversas formas, como esta campaniforme canelada, existente no propileus de Xerxes I ou porta de todos os países, no Palácio de Persépolis.

As colunas terminam por *capitéis* formados por duplos prótomos, com dois touros, provenientes do Palácio de Persépolis, encontram-se no Museu Nacional do Irão em Teerão.

O *capitel* representa um touro sem chifres, proveniente da sala do trono ou das cem colunas do Palácio de Persépolis, encontra-se na Galeria Nelson, na cidade de Kansas.

O *capitel* representa um leão, proveniente do Palácio de Persépolis, encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão.

O *capitel* representa uma cabeça humana, proveniente do Palácio de Persépolis, encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. A cabeça tem as orelhas com brincos. Os supercílios são pronunciados, as pálpebras abertas deixam ver a íris, a pupila e a porção lateral da conjuntiva do bulbo ocular. O nariz é recto e a abertura das narinas é típico da raça amarela. Os lábios são carnosos, as comissuras tapadas pelo bigode e a fenda da boca dispõem-se horizontalmente. A barba tem as características gerais dos persas.

Palácio de Persépolis

O *Palácio de Persépolis*, símbolo do poder de Dário I, constitui o mais grandioso conjunto monumental conhecido da Pérsia Antiga, com a finalidade de dignificar as festividades do Ano Novo.

As instalações palacianas de Persépolis eram constituídas: a escadaria monumental, o propileus de Xerxes I ou porta de todos os países, a Apadana ou sala de audiências, o Tripilon, o palácio de Dário I, o palácio de Xerxes II, a sala do trono ou das cem colunas, e as salas do tesouro real, entre outras.

Antes do início das festas anuais, as delegações de todas as partes do Império confluíam para Persépolis, ficando instaladas em tendas situadas na planície que rodeava o palácio.

No primeiro dia das festividades, os altos dignitários, e os nobres medos e persas subiam a *escada monumental*, que terminava numa porta monumental que acedia ao terraço onde estavam as instalações palacianas. O *Propileus de Xerxes II* ou *Porta de todos os Países* era guardada por dois touros androcéfalos, e dava acesso ao terraço onde se encontrava a grande sala de audiências ou *Apadana*. Os dignitários e os nobres entravam na Apadana, através da *escadaria norte*, enquanto o rei penetrava na sala pela *escadaria este*. No fim da cerimónia, o rei e a comitiva deixavam a Apadana, penetrando pela porta norte no *Tripilon*, uma pequena e bela construção, com três rampas e três entradas, a norte, a sul e a este. O banquete oficial realizava-se no *Palácio de Dário I* e no *Palácio de Xerxes II*. Depois de terminado o banquete, o Rei e seus convivas dirigiam-se de novo para o Tripilon, pela porta sul e saindo da sala, pela porta oeste para se dirigirem à sala do trono, através da porta sul. Na *sala do trono ou das cem colunas*, o rei apresentava-se sentado no seu trono imperial. Antes da chegada do Rei e da sua instalação no trono, os chefes das delegações com algumas pessoas do seu séquito, encarregadas do transporte dos objectos preciosos, dirigiam-se para à Sala do Trono. Começavam a subir a escada monumental, ultrapassavam a Porta de Todos os Países, percorriam a *via processional*, passavam uma *porta monumental inacabada* e chegavam a uma vasta esplanada onde estava a Sala do Trono. As delegações entravam na sala pela porta norte, e depositavam aos pés do trono as numerosas ofertas. O *tesouro real* estava guardado na sala de cem colunas, numa sala de noventa e nove colunas e num armazém. Os *aquartelamentos militares* encontravam-se na parte este do terraço.

Algumas instalações e sobretudo as escadarias do Palácio de Persépolis apresentavam esculturas em baixos-relevos.

Palácio de Pasárgadas

O *Palácio de Pasárgadas*, residência de Ciro II, era constituído por vários edifícios, sendo o lugar símbolo do Império, onde os monarcas eram coroados. A área palaciana era constituída por um conjunto de edifícios formados pela cidadela, os palácios, a zona sagrada e o túmulo de Ciro II.

O *Palácio Residencial* tinha um pórtico monumental e uma grande sala hipostila, e ainda a sala de audiências e salas para banquetes. Nas portas encontravam-se baixos-relevos, entre os quais um representando o rei seguido de uma personagem com um guarda-sol.

O *Palácio das Audiências*, o local onde o soberano no seu trono recebia os embaixadores e se celebravam as grandes festas, encontrava-se a cerca de 200 metros a noroeste da entrada.

Palácio de Susa

O *Palácio de Susa*, com poucos vestígios, construído por Dário I, passou a ser o local onde se realizavam as cerimónias oficiais e protocolares.

O Palácio tinha um pórtico, a *Apadana* ou *grande salão de audiências* e as diversas instalações palacianas com a zona residencial, em volta de três pátios interiores.

O acesso ao Palácio era feito através do Propileus, situado a este, de forma quadrada com quatro colunas. Uma porta dava acesso às instalações palacianas, com ligação ao exterior através de uma rampa de tijolos esmaltados. Seguiam-se três pátios rodeados por armazéns, serviços administrativos e aposentos habitacionais. A *Apadana* ou *sala de audiências reais*, a norte do palácio, quadrangular com seis fileiras de seis colunas.

Templos

Segundo Heródoto, os aqueménidas honravam os seus deuses com sacrifícios sangrentos dirigidos por sacerdotes-magos, de origem meda, que tinham muitos privilégios. As suas obrigações compreendiam, entre outras, a obrigação de organizar a coroação do soberano e a guarda dos túmulos reais. Os locais de culto eram torres quadradas com uma única câmara interior onde ardia o fogo sagrado, mantido aceso pelos sacerdotes-magos, enquanto as cerimónias religiosas se realizavam no exterior, sobre altares de pedra ou de tijolo que se erguiam num recinto sagrado.

O *templo de fogo de Pasárgadas*, a cerca de 2 km do palácio de Pasárgadas, onde existia um santuário de que restam alguns vestígios do templo e alguns degraus onde ardia o fogo sagrado.

Os *altares de fogo de Naqsh-i Rostam* foram talhados na rocha e situavam-se na proximidade do templo. São altares em tronco de pirâmide quadrangular com quatro faces em arco de volta perfeita, e quatro pilares sustentando uma abóbada. Os acabamentos em lóbulos parecem servir para manter o fogo aceso.

O *templo de fogo de Naqsh-i Rostam* encontra-se em frente de túmulos escavados nas rochas. É uma torre quadrada próximo do túmulo de Dário I. Foi construída com blocos de calcário e decorados com pequenas cavidades rectangulares e o tecto tinha um friso em forma denticular. As três filas de janelas cegas, em pedra negra, transmitem ao conjunto o aspecto de uma construção de três pisos. A entrada faz-se através de uma escada em pedra e uma porta conduzia a uma única câmara, onde ardia o fogo sagrado.

4.3.2. Escultura

4.3.2.1. Estátuas

A estátua de Dário I (522-486 a.C.), em pedra, procedente do Palácio de Susa, encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. A estátua do rei de grandes dimensões, com vestuário persa, cuja

cabeça e várias partes do dorso desapareceram. A estátua assenta numa base com inscrições egípcias, referidas ao rei Dário I como faraó e duas figuras de deuses.

4.3.2.2. Túmulos e relevos rupestres

O *túmulo de Ciro II, o Grande*, em Pasárgadas está afastado do Palácio e é um mausoléu sóbrio, constituído por blocos calcários brancos, tem forma quadrangular com telhado de duas águas, assentando sobre uma base formada por seis grandes degraus. A entrada, originalmente fechada por uma laje de pedra, dá acesso a uma câmara sepulcral modesta, situada ao fundo de uma estreita passagem. Estrabão cita uma inscrição, hoje perdida, que dizia: “Ó homem, eu sou Ciro, aquele que fundou o império dos Persas e era rei da Ásia; não me invejes este monumento.”

Os *túmulos dos monarcas aqueménidas* estão situados no paredão rochoso de Naqsh-e-Rostam, a seis quilómetros a norte de Persépolis, constituindo hipogeus escavados nas rochas, onde estão inumados a maioria dos monarcas aqueménidas.

O *túmulo de Dário I* apresenta a fachada com uma cruz grega. Os braços horizontais têm quatro colunas, e capitéis com troncos de touros, no centro dos quais se encontra a porta de acesso aos hipogeus. No braço superior está esculpido o monarca em pé, armado com arco diante do fogo sagrado. Superiormente ao rei encontra-se o sol alado e a lua. Inferiormente estão dois conjuntos de trinta arqueiros, em representação dos diferentes países do Império. Cada um dos arqueiros apresenta indumentária e armamento específico, bem como penteado, barba e cobertura na cabeça.

O *túmulo de Xerxes I* apresenta igualmente uma fachada com uma cruz grega e características semelhantes ao túmulo de Dário I.

O *túmulo de Anaxerxes II ou III* tem acesso através de uma escadaria, sendo constituído por dois registos. O registo inferior é semelhante aos túmulos de Dário I e de Xerxes I. O registo superior apresenta apenas o rei orando frente a um altar, onde arde o fogo sagrado.

O baixo-relevo rupestre de Dário I (600 a.C.), vencedor em Bisutun, representa Dário I no seu trono, invocando a suprema divindade, na presença de reis prisioneiros acorrentados. A cabeça tem uma tiara real, o cabelo frondoso e encaracolado, deixa ver a orelha direita com má anatomia de superfície. Os supercílios são pronunciados, com as pálpebras abertas deixando ver a íris, a pupila e a porção lateral da conjuntiva bulbar. O nariz é recto e a abertura das narinas é típico da raça amarela. A barba que reveste a face é encaracolada, prolongando-se pela pêra com os pêlos dispostos verticalmente com aspecto conóide.

4.3.2.3. Baixos-relevos

A *escultura* encontra-se em baixos-relevos na decoração arquitectónica dos palácios, nas escadarias, portas e salas, com a finalidade de realçar a monarquia e o fausto da corte, sublinhando a força do Império.

Palácio de Persépolis

As instalações palacianas (séculos VI-V a.C.) apresentam numerosos baixos-relevos muito bem conservados.

Escadaria monumental de acesso à Porta de Todos os Países

A escadaria monumental dava acesso ao *Propileu de Xerxes I ou Porta de Todos os Países*, em frente da Apadana ou grande sala de audiências. Apresenta dois lances de escada divergentes, paralelos ao muro de sustentação.

Propileus de Xerxes I ou Porta de Todos os Países

O *Propileu de Xerxes I ou Porta de Todos os Países* tem na porta de acesso dois touros androcéfalos gigantescos, que parecem controlar o acesso às instalações do Palácio de Persépolis.

A *placa em prata de Dário I* (600 a.C.), proveniente de Persépolis, foi descoberta nas escavações da Apadana, encontra-se no Museu Britânico, em Londres. O texto contém uma declaração de Dário I, em três línguas: persa antigo, elamita e babilônio.

Apadana ou grande sala de audiências

A ala sul da *escadaria este da Apadana* está esculpida com numerosos baixos-relevos.

A ala norte da *escadaria este da Apadana* está esculpida com numerosos baixos-relevos.

O *baixo-relevo* apresenta três registos, com susianos, arménios e guardas persas.

O *baixo-relevo* mostra cinco guardas persas, com lanças de cabo comprido, arco e aljava com flechas.

O *baixo-relevo* representa quatro guardas susianos, com lanças de cabo comprido.

O *baixo-relevo* mostra três sírios ou lídios transportando diversos tributos.

O *baixo-relevo* apresenta um babilónio conduzindo uma vaca.

O *baixo-relevo* mostra um arménio segurando um cavalo pela trela.

O *baixo-relevo* representa uma delegação de babilónios transportando tributos.

O *baixo-relevo* apresenta um sírio ou lídio, com dois cavalos.

O *baixo-relevo* mostra um lídio com dois grandes anéis alongados e decorados com duas cabeças de grifos (raça de cão de caça).

O *baixo-relevo* representa delegações de diversos países com tributos.

O *baixo-relevo* apresenta delegações de diversos países.

O *baixo-relevo* mostra a cabeça de um bacteriano. A cabeça tem uma tiara com o cabelo liso e disposto verticalmente. A fâcies mostra apenas as regiões orbital e nasal, sendo as restantes regiões cobertas pela barba com os pelos dispostos verticalmente.

O *baixo-relevo* representa um corasmo conduzindo a pé um cavalo.

O *baixo-relevo* apresenta um meda conduzindo pela mão um corasmo.

Tripilon

O *baixo-relevo na porta com Dário I* representa o rei caminhando, seguido por dois servidores, um com pára-sol sobre a cabeça do rei e outro, com uma toalha dobrada no antebraço.

O *baixo-relevo na porta este*, com o Príncipe Xerxes atrás de Dário I sentado no trono sobre os representantes das 28 nações, com o grande deus Ahura Mazda situado superiormente.

O *baixo-relevo da escadaria* representa nobres medas com os seus tributos, proveniente de Persépolis, encontra-se no Instituto Oriental da Universidade de Chicago.

O *baixo-relevo da escadaria norte* representa numerosas figuras.

O *baixo-relevo da escadaria norte* apresenta um dignitário persa com uma flor de lótus.

O *baixo-relevo da escadaria sul* mostra diversas figuras.

O *baixo-relevo da escadaria* representa um guarda persa e um guarda meda. O guarda persa tem uma tiara cilíndrica canelada, as vestes amplas até ao tornozelo, a lança com ponta de ferro, o arco e a aljava com flechas. O guarda meda tem uma tiara ovalar, as vestes até ao joelho, a lança com ponta de ferro, o arco e uma grande aljava de couro a tiracolo com flechas.

O *baixo-relevo da escadaria* mostra a cabeça de um dignitário persa e a cabeça de um dignitário meda. As cabeças têm tiaras com as cabeleiras frondosas. As rimas palpebrais estão semi-abertas e as aberturas das narinas elípticas típicas da raça amarela. A barba que reveste a face é encaracolada prolongando-se pela pêra com os pêlos dispostos verticalmente com aspecto conóide.

Palácio de Dário I

O *Palácio de Dário I* é observado pelo lado sul.

O *baixo-relevo da escadaria* apresenta servidores, e no primeiro plano o combate entre um leão e um touro.

O *baixo-relevo da ombreira de porta* representa dois guardas em tronco nu armados com lanças.

O *baixo-relevo da ombreira de porta* mostra um servidor com uma toalha e um objecto.

Palácio de Xerxes I

O *baixo-relevo da escadaria oeste* mostra quatro vassalos com animais e outros tributos.

O *baixo-relevo da escadaria oeste* representa um vassalo com dois recipientes e outro com um cordeiro.

Sala do trono ou das 100 colunas

A *Porta sul* representa Artaxerxes I no trono, sobre três registos de portadores, representam as delegações dos diversos países, que colocavam aos pés do trono as numerosas ofertas.

A *Porta norte* apresenta o rei em audiência, em frente de dois altares de fogo, que o separam de um alto funcionário meda, enquanto os seus guardas estão inferiormente distribuídos por cinco registos.

Dário I está sentado no trono, com uma flor de lótus, na mão esquerda e um bastão, na mão direita. O trono e o tamborete onde apoia os pés estão sobre um estrado. Atrás do rei está o príncipe herdeiro, com uma flor de lótus na mão esquerda, enquanto a mão direita está apoiada no trono de seu pai. Atrás do príncipe está um servidor com uma toalha e o portador das armas reais, o machado de guerra, o arco e flechas. Adiante do rei estão dois altares de fogo, que o separam de um alto funcionário meda inclinado em sinal de respeito, com a mão direita na boca e a mão esquerda segurando um bordão.

4.3.3. Relevos em tijolos esmaltados

A proximidade com Babilónia conduziu à elaboração de relevos de tijolos esmaltados, com aspectos decorativos em exteriores e poucas vezes nos interiores, tendo como cores predominantes o verde, o amarelo, o azul e o branco.

O *friso* (V século a.C.), em tijolos esmaltados, proveniente do Palácio de Susa, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, representa arqueiros da guarda real.

O *friso* (V século a.C.), em tijolos esmaltados, proveniente do Palácio de Susa, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, mostra um leão-grifo (animal lendário com corpo de leão e asas de águia).

O *friso* (V século a.C.), em tijolos esmaltados, proveniente do Palácio de Susa, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, representa um touro-alado.

O *friso* (V século a.C.), em tijolos esmaltados, proveniente do Palácio de Susa, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, mostra um leão enfurecido.

4.3.4. Estatuetas, recipientes, objectos decorativos e diversos

As estatuetas, recipientes, objectos decorativos e objectos diversos encontram-se nos aqueménidas, pelo gosto que tiveram pela ornamentação, pelas sumptuosas cerimónias palacianas e pela riqueza da corte e de outros sectores sociais, constituíram as bases da formação de requintados metalurgistas e ourives altamente especializados. As riquezas dos objectos de adorno, jóias, baixelas, recipientes e outras peças decorativas, em ouro e prata, encontram-se no impressionante *tesouro de Oxo*, em exposição no Museu Britânico, em Londres. Foram descobertos cerca de 150 objectos e 1500 moedas aqueménidas e algumas medas. Devem ter pertencido a um templo onde se foram acumulando as oferendas ao longo de dezenas de anos, tendo o tesouro sido descoberto no local da antiga satrapia de Bacteriana, em 1877.

4.3.4.1. Estatuetas

A *cabeça* (V século a.C.) pertence a uma colecção particular. É uma cabeça de príncipe com tiara, o cabelo frondoso e encaracolado, as rimas das pálpebras abertas, os supercílios continuando-se com o dorso do nariz. A mímica sugere reflexão com meditação.

A *cabeça* (V-IV séculos a.C.), de colecção particular proveniente de Mênfis, encontra-se no Museu do Louvre em Paris. É uma cabeça masculina, com tiara, cabelo liso disposto circularmente, barba e pêra cónica. Apesar de a fâcies estar um pouco desfigurada, a mímica sugere reflexão com circunspecção.

A *cabeça* (V-IV séculos a.C.), proveniente de Mênfis, encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. É uma cabeça de um príncipe com coroa denticulada e o cabelo mostrando o penteado elaborado. Os olhos foram enucleados, mostrando uma grande rima palpebral. Apesar da ausência dos olhos, a mímica sugere reflexão com surpresa.

A *cabeça* (VI-IV séculos a.C.), em ouro, proveniente do tesouro de Oxus, encontra-se no Museu Britânico em Londres. É uma cabeça de um homem jovem com cabelo muito curto. Os supercílios convergem para a raiz do nariz, a rima palpebral muito aberta, a fenda da boca está horizontalizada, o sulco mento-labial muito desenvolvido e as orelhas com referências cutâneas marcadas. A mímica sugere dureza e arrogância.

O *busto* (VI-IV séculos a.C.) encontra-se no Museu de Arte em Cleveland. A cabeça tem um capacete esferoidal. A barba é completa com pequenos anéis dispondo-se em quatro filas horizontais. Os membros superiores estão flectidos no cotovelo e as palmas da mão encostadas ao tórax. A mímica sugere contemplação e admiração.

4.3.4.2. Recipientes

O *vaso*, em ouro, de proveniência desconhecida, representa duas cabeças femininas ligadas pelos occipitais e com uma coroa única. A fâcies apresenta a rima palpebral aberta com as pupilas e íris mal

definidas, supercílios arqueados continuando-se com o dorso do nariz e os lábios sensuais esboçando um sorriso natural.

O *ritão* (500-400 a.C.), em ouro, proveniente de Hamadã (oeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Tem a forma cónica com um leão alado, apresentando incisões horizontais e um friso de folhas de palmeira. A juba apresenta pequenos caracóis em forma de gancho e as asas do recipiente estão colocadas sobre as patas anteriores.

O *ritão* (século V a.C.), em ouro, encontra-se no Museu Metropolitano de Arte em Nova Iorque. Tem a forma cónica apresentando cinco zonas rectangulares com incisões separadas, intercaladas com zonas lisas, e um leão alado em posição de agressividade.

A *ânfora* (550-450 a.C.), em prata, proveniente de Hamadã (oeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Tem o corpo ovalado com incisões horizontais. As asas representam cabras, com as cabeças viradas lateralmente e os joelhos flectidos aderentes à abertura do vaso.

A *ânfora* (século V-IV a.C.), em prata dourada, proveniente de colecção particular, em Paris. Tem o corpo ovalado canelado, e flores de lótus alternadas com folhas de palmeira, situadas superiormente. As duas asas apresentam dois cabritos-malteses parecendo exprimir força e movimento.

A *ânfora* (550-450 a.C.), em prata, proveniente de Hamadã (oeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Tem o corpo ovalado, com caneladuras verticais encimadas por quatro filas de escamas dispostas horizontalmente. As asas são lisas e na base sobressaem dois pequenos bicos.

A *sítula ou recipiente* (século VII a.C.), em prata, proveniente da gruta de Kalmakareh (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Tem a forma de corpo abaulado e colo estreito, onde está gravado uma inscrição neo-assíria. O arco termina por duas argolas que entram nas asas em forma de pequenos arcos.

A *taça* (século V a.C.), em vidro, de proveniência desconhecida, encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Tem o corpo globular horizontalizado com estrias.

A *taça* (século V a.C.), em ouro, de proveniência desconhecida, encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. Tem figuras geométricas com lados arredondados, e superiormente a inscrição de Xerxes I, tem o seu nome e título em persa antigo, elamita e neobabilónico.

4.3.4.3. Objectos diversos

A *espada* (século V a.C.), proveniente de Hamadã (oeste do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. O punho está decorado com duas cabeças de leão suportadas por duas cabeças de bode.

A *fivela de cinto* (século V-IV a.C.), em ouro, proveniente de Hamadã (oeste do Irão), encontra-se numa colecção particular em Nova Iorque. A fivela representa um leão bicéfalo em posições agressivas.

A *placa* (século VI-V a.C.), em ouro, proveniente de Hamadã (oeste do Irão), encontra-se no Museu Metropolitano de Arte em Nova Iorque. A placa está decorada com dois leões alados ostentando chifres, com a juba em escamas, as orelhas longas e levantadas e os chifres constituindo discos.

O *carro* (século V-IV a.C.), em ouro, proveniente do tesouro de Oxus, encontra-se no Museu Britânico em Londres. O carro puxado por quatro cavalos transporta uma personagem e o condutor.

4.3.4.4. Objectos decorativos

A *bracelete com figuras de leão* (800-700 a.C.), em ouro, procedente de Curdistão (ocidente do Irão), encontra-se no Museu Nacional do Irão em Teerão. As extremidades do bracelete apresentam a cabeça com leões em expressões ferozes e olhos salientes.

A *bracelete* (séculos V-IV a.C.), em ouro, proveniente do tesouro de Oxus, encontra-se no Museu Britânico em Londres e apresenta-se decorado com dois leões alados com chifres.

A *bracelete* (séculos V-IV a.C.), em ouro, proveniente do tesouro de Oxus, encontra-se no Museu Britânico em Londres e apresenta-se decorado com dois touros.

O *ornamento de cabelo* (séculos V-IV a.C.), em ouro, proveniente de Akhagorio (Cáucaso) encontra-se no Museu de Tbilisi. O ornamento apresenta dois cavalos suportando uma banda vertical terminando por uma rosácea.

O *brinco* (séculos IV-V a.C.), em ouro, encontra-se no Museu do Louvre em Paris. Está decorado com um Bes (divindade representada por um anão robusto e monstruoso), entre duas cabras-montesas, precedidas por duas aves.

O *peitoral* (século IV a.C.), em ouro, proveniente de Hamadã-Ecbátana, encontra-se no Instituto Oriental de Chicago. O peitoral é um leão alado com curtos chifres, envolvido por um círculo de fio de ouro espiralado, cuja asa arqueada, transforma o animal num ser imaginário. O leão alado volta a cabeça, as patas estão alongadas e o corpo encontra-se tenso, parecendo pronto para iniciar a luta.

(Comunicação apresentada à Classe de Ciências
na sessão de 2 de outubro de 2014)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arqueologia, O maior Império do Mundo Antigo*, volume III (1988). Barcelona: Planeta De Agostini A.A.
- Alvar, Jaime (1989), *Historia del Mundo Antiguo, Oriente, Los Persas*. Madrid: Ediciones Akal, S.A.
- Briant, Pierre (2004), *Darius, Les Perses et l'Émpire*. Paris: Découvertes Gallimard, Histoire.
- Briant, Pierre (1996), *Histoire de l'Empire Perse de Cyrus à Alexandre*. Paris: Librairie Arthème Fayard.
- Chirshman, Roman (1963), *Perse: Proto-iraniens, Medes et Achéménides*. Paris: Editions Galimard, L'Univers dès Formes.
- Chirshman, Roman (1962), *Iran: Parthes et Sassanides*. Paris: Editions Galimard, L'Univers dès Formes.
- Curatola, Giovanni et Scarcia, Gianroberto (2004), *Iran 2500 Ans d'Art Perse*. France: Hazan.
- Curtis, Vesta Sarkhosh (1996), *Mitos Persas*. Madrid: Ediciones Akal, S.A.
- Dandamaev, M. A. Y Lukonin, V. G. (1980), *Cultura y Economia del Irán Antiguo*. Barcelona: Editorial AUSA.
- Degeorge, Gérard (2001), *Palmyre, métropole caravanière*. Paris: Imprimerie Nationale, Editions.
- Frankfort, Henri (1988), *The Art and Architecture of the Ancient Orient*. Middlesex: Penguin Books Ltd.
- Giordani, Mário Curtis (1969), *História da Antiguidade Orienta. O Irã*. Petrópolis. RJ, Brasil: Editora VOZES Limitada.
- Guardasoni, Anna Maria (1980), *Os Grandes Impérios, Os Persas*. Lisboa: Circulo dos Leitores.
- Herrero, Santiago Monteiro (2007), *História da Humanidade, O Egipto e as Antigas Civilizações, Persas, Partos e Sassânidas*. Lisboa: Circulo dos Leitores.
- Huyse, Philip (2005), *La Perse Antique*. Paris: Société d'édition Ler Belles Lettres.
- Noblecourt, Christiane Desroches (1972), *História da Arte, Arte do Irão Antigo vol. I (n.º 8)*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Obras-primas do Museu Nacional do Irão (2005), *7000 anos de Arte Persa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Olague-Feliu, Fernando de (1994), *Historia del Arte del Próximo Oriente*. Barcelona: Editorial Planeta, S.A.
- Palou, Christiane et Palou, Jean (1962), *La Perse antique*. France: Que sais-je? Presse Universitaires de France.
- Pijoán, José (1981), *Summa Artis, Historia General del Arte, vol. II Arte del Ásia Occidental, Pérsia, Partia, Sasanía*. Madrid, Espasa-Calpe, S.A.
- Porada, Edith (1963), *Iran Ancien*. Paris: Editions Albin Michel.